



Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico

RICARDO CRUCCIOLI RIBEIRO

**FESTA DAS REGIÕES DA ESCOLA PARQUE 313/314 SUL:
sobre a diversidade e o patrimônio cultural no ambiente escolar**

Brasília/DF,

2018

RICARDO CRUCCIOLI RIBEIRO

**FESTA DAS REGIÕES DA ESCOLA PARQUE 313/314 SUL:
sobre a diversidade e o patrimônio cultural no ambiente escolar**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em *Educação e Patrimônio Cultural e Artístico*, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

Brasília/DF,
2018

RICARDO CRUCCIOLI RIBEIRO

**FESTA DAS REGIÕES DA ESCOLA PARQUE 313/314 SUL:
sobre a diversidade e o patrimônio cultural no ambiente escolar**

Monografia defendida em 16 de dezembro de 2018.

Professor Dr. Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (Orientador)

Professora Ms. Cilene Rodrigues Carneiro Freitas

Professor Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro

Brasília/DF,
2018

*Às tantas pessoas que têm contribuído em suas
práticas pedagógicas para que a diversidade e o
patrimônio cultural tenham visibilidades no ambiente
escolar.*

Agradecimentos

Registro aqui meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para a materialização desta pesquisa. Em especial, deixo o meu abraço à equipe da pós-graduação que desde o início mostrou-se atenciosa e pronta para atender as minhas necessidades.

Ao meu orientador, professor Emerson Dionísio por toda a compreensão, pela generosidade e por apontar caminhos que contribuíram para que a minha pesquisa ficasse mais interessante.

Às tutoras Sandra Regina e Cilene Rodrigues pela disponibilidade, pelo carinho e por contribuir com esse processo de ensino-aprendizagem.

À banca, professora Cilene Rodrigues e professor José Mauro, pela disponibilidade e por fazer parte desse momento de formação continuada.

Aos professores e professoras que tive na pós-graduação e que contribuíram grandiosamente com a minha formação artística e docente.

À Elaine Ruas, professora e supervisora da pós, por quem passei a ter enorme carinho, respeito e admiração.

Ao Rommel Maia, diretor da Escola Parque 313/314 Sul, que desde o início abraçou o meu projeto dando-me liberdade para realizar a pesquisa.

Às professoras e aos professores da Escola Parque 313/314 Sul, participantes da pesquisa.

À amiga e professora Ana Maria Araújo, que gentil e grandiosamente, contribuiu na construção desta pesquisa.

Ao Roberto Costa por trilhar junto os sonhos e objetivos acadêmicos.

Ao Hugo Nicolau por ser tão especial, companheiro e me apoiar sempre.

“Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem, temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize.”

Boaventura Santos

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo a diversidade cultural no ambiente escolar e apresenta os resultados da análise e reflexão que faço a partir das observações e experiências como professor e, também, coordenador de artes, na *Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul*, em Brasília, Distrito Federal. O objetivo geral é atestar esse evento como um espaço que, antes, durante e após a sua realização, garante aos discentes e docentes estudos, apreciações, experiências e reflexões com e/ou sobre algumas culturas, saberes tradicionais e manifestações artísticas e culturais existentes nas cinco regiões geográficas brasileiras. Para tanto, foco na festa de 2017, intitulada *A Escola Parque e os Encantos do Norte Nordeste*, na qual atuei como coordenador pedagógico. A condução teórica se deu a partir de estudos sobre cultura, diversidade cultural e patrimônio imaterial. Metodologicamente, a investigação do tema foi guiada nos moldes da pesquisa qualitativa etnográfica. E os dados foram gerados, principalmente, a partir da observação do objeto investigado, de conversas com professores e da análise de documentos imagéticos.

Palavras-chave: Educação patrimonial; Diversidade cultural; Ambiente escolar; Patrimônio imaterial;

Resumen

Este trabajo tiene como objeto de estudio la diversidad cultural en el ambiente escolar y presenta los resultados del análisis y reflexión que hago a partir de observaciones y experiencias como profesor y también coordinador de artes en la Fiesta de las Regiones de la Escuela Parque 313/314 Sur (Escola Parque 313/314 Sul), en Brasilia, Distrito Federal. El objetivo general es atestar este evento como un espacio que, antes, durante y después de su realización, garantiza a los discentes y docentes estudios, apreciaciones, experiencias y reflexiones con y/o sobre algunas culturas, saberes tradicionales y manifestaciones artísticas y culturales existentes en las cinco regiones geográficas brasileñas. Para ello, foco en la fiesta de 2017, titulada La Escuela Parque y los Encantos del Norte Nordeste, en la que actué como coordinador pedagógico. La conducción teórica se dio a partir de estudios sobre cultura, diversidad cultural y patrimonio inmaterial. Metodológicamente, la investigación del tema fue guiada en los moldes de la investigación cualitativa etnográfica. Y los datos fueron generados, principalmente, a partir de la observación del objeto investigado, de conversaciones con profesores y del análisis de documentos imagéticos.

Palabras clave: Educación patrimonial; Diversidad cultural; Ambiente escolar; Patrimonio inmaterial.

Lista de Ilustrações

1 - Fig. 1: Romaria do Círio de Nossa Senhora de Nazaré	16
2 - Fig. 2: Samba de Roda do Recôncavo Baiano	17
3 - Fig. 3: Entrada da Festa das Regiões de 2004 da Escola Parque 313/314 Sul	28
4 - Figs. 4 e 5: Resultados coreográficos produzidos a partir de manifestações artísticas tradicionais das Regiões Nordeste e Centro-Oeste	31
5 - Fig. 6: Resultado coreográfico produzido a partir de manifestações artísticas tradicionais da Região Norte	31
6 - Fig. 7: Bandeiras de cada estado brasileiro, produzidas coletivamente, após estudos sobre algumas das culturas presentes nesses lugares	32
7 - Figs. 8-10: Atividades produzidas em aulas de literatura a partir de lendas e mitologias presentes nas cinco regiões geográficas brasileiras	32
8 - Fig. 11: Atividade de artes visuais produzida por alunos de 2º ano do ensino fundamental a partir da escuta, apreciação e vivência com o Bumba Meu Boi e o Boi do Seu Teodoro	33
9 - Fig. 12: Estudantes em momentos antes da apresentação coreográfica de Frevo	33
10 - Fig. 13: Trabalhos visuais produzidos por crianças de 1º ao 5º anos a partir do estudo da obra de Rodrigues Lessa	34
11 - Figs. 14 e 15: Entrada para a Festa das Regiões 2017 e Espaço para Fotografias: Homenagem aos Bois Garantido e Caprichoso	38
12 - Fig. 16: Público à espera da apresentação dos bois Garantido e Caprichoso, preparada por todos os professores da escola, com alunos de 3º, 4º e 5º anos	43
13 - Figs. 17-20: Apresentação cênica produzida por todos os professores da escola, com alunos de 3º, 4º e 5º anos	44
14 - Figs. 21 e 22: Apresentação de capoeira	45
15 - Fig. 23: Apresentação coreográfica construída a partir de estudos sobre o Carimbó	46
16 - Figs. 24 e 25: Apresentação cênico-musical criada a partir da escuta de histórias e da apreciação de vídeos, fotografias e documentários sobre os Candangos	46

Sumário

Introdução	11
1 - Diversidade cultural: o porquê da pesquisa	14
1.1 - Quintal de encontros: onde o interesse pela diversidade cultural começou	14
1.2 - Sobre educação patrimonial e bens culturais imateriais	15
1.2.1 - Os bens culturais imateriais	16
1.3 - Sobre cultura e diversidade cultural	18
2 - Escola Parque 313/314 Sul: práticas pautadas na diversidade cultural ...	21
2.1 - Educação versus escolarização: quando a escola nega o quintal	21
2.2 - A percepção do outro: a escola que idealizo	24
2.2.1 – As Escolas Parque	26
2.2.2 - O Local da pesquisa	27
2.2.2.1 – Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul	28
3 - Dois bois e muitas histórias: sobre a diversidade cultural no ambiente escolar	35
3.1 – Metodologia	35
3.2 - Dois bois: o ponto de partida para a Festa das Regiões de 2017	36
3.3 - Planejar, executar e avaliar a Festa das Regiões: outro olhar ao processo de ensino-aprendizagem	39
3.3.1 - O planejamento: tudo se pauta na diversidade cultural no ambiente escolar	39
3.3.2 - A execução: quando práticas pedagógicas distintas se encontram	40
3.3.2.1 - O estudo e apreciação das manifestações artísticas	41
3.3.2.2 As rodas de conversas: momento de reconhecimento do outro .	42
3.3.2.3 – A elaboração e ensaio das apresentações	43
3.4 – Avaliação: momento para repensar a festa	46
3.5 - O meu olhar: breve reflexão sobre a Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul	47
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	51

Introdução

Esta monografia tem como objeto o estudo da diversidade e patrimônio cultural no ambiente escolar. Trata-se de uma reflexão sobre o tema a partir da observação, registro e análise que faço, de maneira geral, da Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul, na cidade de Brasília, Distrito Federal, com o foco mais especificamente na edição de 2017, intitulada *Escola Parque 313/314 Sul e os Encantos do Norte Nordeste*, na qual estive como coordenador pedagógico de artes durante todo o processo de planejamento, execução e avaliação do evento.

A pesquisa tem por objetivo atestar esse evento como um território que, antes, durante e após a sua realização, garante aos discentes e docentes estudos, apreciações, experiências e reflexões com e/ou sobre algumas culturas, saberes tradicionais e manifestações artísticas e culturais existentes nas cinco regiões geográficas brasileiras. E, a partir disso, apontar caminhos que contribuam, ainda mais, para a construção de uma escola de educação básica que pautue suas práticas no reconhecimento das diferenças culturais que existem em si.

Registro, contudo, que não há a intenção, com este trabalho, de investigar a fundo a diversidade e o patrimônio cultural, o que exigiria um estudo mais vasto e minucioso em diferentes áreas do conhecimento, dentre elas, as artes, a antropologia, a sociologia, a história e a educação. Mas pretendo, também a partir dele, com os resultados obtidos, contribuir acadêmica e socialmente com pesquisas e outros estudos existentes sobre o assunto.

A escolha do objeto provém de anseios, experiências e questões que tenho enquanto docente e, também, coordenador de artes. Por diversas vezes, além de várias histórias que já tive acesso, presenciei colegas de trabalho agirem como se todos os estudantes tivessem as mesmas identidades culturais. Como se todos fossem iguais e pertencessem a um mesmo local. Isso, além de uma tentativa de homogeneização das diversas culturas existentes no ambiente escolar, colabora para que alguns alunos se sintam desmotivados e/ou não se reconheçam nas práticas pedagógicas presentes nesse local.

Do ponto de vista metodológico, esta é uma pesquisa qualitativa, eu diria de cunho etnográfico, embasada, especialmente, no livro *Etnografia da Prática Escolar* (2007), de Marli André. Em meu processo investigativo, descobri que a Escola Parque 313/314 Sul, até o momento, não possui nenhum registro escrito específico sobre o

evento que abordo aqui. Assim, a geração de dados aconteceu, principalmente, por meio da observação e notas escritas que fiz em 2017, por meio de rodas de conversas que tive com professores da referida instituição de ensino, e por meio da análise de documentos imagéticos.

No processo da pesquisa, algumas questões foram importantes no direcionamento dos estudos. Como ponto de partida, elenquei duas. São elas: por que algumas escolas de educação básica se mantêm num formato que não dialoga com a sociedade da qual ela faz parte? E, é possível ressignificar o processo de ensino-aprendizagem em escolas de educação básica a partir de atividades que considerem a diversidade cultural existente nesse recinto?

Posto esses questionamentos, para discorrer sobre o tema a que me propus pesquisar, estruturei esta monografia em três capítulos. No primeiro, intitulado *Diversidade Cultural: o porquê da pesquisa*, verso brevemente sobre mim, pontuando os lugares que, de certo modo, justificam o meu interesse no objeto de estudo deste trabalho. Em seguida, discorro brevemente sobre educação patrimonial e bens imateriais para, então, escrever sobre cultura e diversidade cultural.

Nessa seção, dentre outras leituras, me utilizo de Viviane Saballa (2007), Immaculada Lopez (2008) e Márcia Sant'Anna (2005) para versar sobre educação patrimonial e bens imateriais. E de Stuart Hall (2006 e 2013) e José Barros e Juan Brizuela (2017) para abarcar a ideia de cultura e diversidade cultural.

No segundo capítulo, *Escola Parque 313/314 Sul: práticas pautadas na diversidade cultural*, verso primeiro sobre educação versus escolarização, para então tratar da escola de educação básica que defendo como sendo prazerosa e significativa ao estudante. Para tanto, dentre outras leituras guio meu discurso em Paulo Freire (1981, 1996 e 1997) e Dermeval Saviane (1997).

Num segundo momento, com base no Projeto Político Pedagógico de 2018, da Escola Parque 313/314 Sul, e nas leituras de Sheila Campello, Max Kokay e Ana Maria Lemos (2013), dentre outros autores, faço uma rápida explanação sobre as Escolas Parque, para, num recorte, abarcar a Escola Parque 313/314 Sul e a Festa das Regiões promovida por ela como locais desta pesquisa.

Ao adentrar nesses lugares, apresento a Festa das Regiões como um território que reconhece e valoriza a diversidade cultural existente na Escola Parque em questão, tratando-a como uma prática pedagógica que garante ao aluno um processo de ensino-

aprendizado prazeroso e condizente com o que defendo ser aquilo que se espera de uma escola no atual contexto social.

No terceiro capítulo, que possui como título *Dois bois e muitas histórias: sobre a diversidade cultural no ambiente escolar*, por meio da descrição da Festa das Regiões de 2017, faço uma reflexão sobre os resultados obtidos com essa festa desde o seu planejamento até a sua avaliação. Com isso, almejo apontar caminhos que contribuam com a construção de uma escola de educação básica significativa aos estudantes.

Por fim, faço minhas considerações finais, nas quais retomo o objetivo e as questões norteadoras desta pesquisa, com a finalidade de apontar alguns caminhos que possam ajudar na realização de novos trabalhos acadêmicos sobre o tema pesquisado.

1 – Diversidade Cultural: o porquê da pesquisa

O reconhecimento da diversidade cultural em nosso país se faz, cada vez mais necessário à medida que percebemos a importância que tem a pluralidade cultural na formação dos brasileiros.

Maurício Pestana

Neste capítulo abarco de modo bem sucinto um momento da minha trajetória pessoal, pontuando os lugares que, de certo modo, justificam o meu interesse no objeto de estudo deste trabalho. Em seguida, discorro brevemente sobre educação patrimonial e bens imateriais para, então, escrever sobre cultura e diversidade cultural.

1.1 - Quintal de encontros: onde o interesse pela diversidade cultural começou

Em minhas memórias, sempre que me deparo com os aprendizados que fui adquirindo, especialmente por meio da oralidade, me “encontro” novamente com o quintal da casa dos meus pais quando da minha infância e parte da adolescência. Uma casa simples, mas que acolhia bem as pessoas que lá chegavam e estavam.

E era no quintal, sentados no chão ou em bancos e cadeiras de madeira que muitos vizinhos, parentes e outras tantas pessoas, oriundas de distintos lugares e com diferentes identidades sociais, se colocavam a falar de suas histórias, lembranças e experiências de vida.

Hoje, embasado nas leituras e conhecimentos que possuo, entendo ter sido ali, enquanto escutava e, por vezes, me colocava para todas aquelas pessoas, que aconteceram os meus primeiros contatos com uma diversidade de saberes, hábitos, crenças, manifestações artísticas e religiosas, músicas, culinárias e outras informações que me deram uma compreensão, naquele momento, ainda não consciente e tampouco teórica, de diversidade cultural.

Embora eu não vivencie mais, fisicamente, o quintal que descrevi acima, ele foi, certamente, o local onde começou o meu interesse pelo assunto, que de certo modo sempre dialogou com a minha vida pessoal e profissional, especialmente depois que me tornei professor.

E nesse sentido, cabe registrar que a pós-graduação em *Educação e Patrimônio Cultural e Artístico*, especialmente ao tratar dos bens imateriais, possibilitou um

reencontro acadêmico com um tema, a diversidade cultural, que há um bom tempo tem sido um estímulo no ambiente profissional.

1.2 - Sobre educação patrimonial e bens culturais imateriais

É notória a importância que tem sido dada aos estudos e discussões em torno do patrimônio cultural brasileiro nas últimas três décadas. Se antes pensávamos e discutíamos sobre o assunto quase que apenas em ambientes específicos, aos poucos ele foi ocupando lugares diversos.

Em conformidade com o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, esse patrimônio é constituído pelos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da nossa sociedade.

Neles estão incluídas, dentre outras: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico.

Retornando às discussões acerca desse patrimônio, elas, além de outros ganhos, contribuíram para o fortalecimento da educação patrimonial em ambientes formais e informais de educação, o que tem garantido, mesmo que em alguns contextos ainda de forma precária, a visibilidade, a valorização, o conhecimento, a promoção e a preservação dos bens culturais materiais e imateriais de nossa sociedade.

Em conformidade com os estudos que foram proporcionados na pós-graduação que aqui finalizo, cabe afirmar que por meio da educação patrimonial é possível educar o sujeito, individual e coletivamente, para a leitura e compreensão do mundo em ele está inserido, garantindo, por exemplo, que as relações de alteridade entre as pessoas sejam pautadas no reconhecimento e respeito do outro em todas as suas particularidades.

Acerca dessa leitura e compreensão do mundo, Viviane Saballa (2007) assegura que elas geram a noção de pertencimento nos indivíduos. Isso os conduz à mobilização, criando neles o sentido e importância da participação e integração em/com suas comunidades. À pesquisadora, eles se percebem sujeitos das suas histórias.

Nesse aspecto, Immaculada Lopes, afirma que “a valorização das histórias de vida das pessoas – contadas por elas mesmas, registradas e socializadas pelos próprios grupos, comunidades e instituições – traduz uma forma de entender o que é, como se faz e para que serve a história.” (2008, p.30)

Em consonância com Lopes (2008) e, também, Saballa (2007), que diz ser a proposta da educação patrimonial a integração dos diferentes grupos sociais de uma dada comunidade, com o intuito de motivar ações que permitam a consciência e o resguardo de patrimônios culturais locais, é cabível dizer que essa educação gera vínculos entre sujeitos e comunidades que contribuem para a construção de ações que garantam o estudo, o contato, a valorização e a proteção dos bens culturais materiais e imateriais pertencentes a eles e suas localidades.

Por fim, e faço essa afirmação com base na Festa das Regiões que trato neste trabalho, a educação patrimonial, além de reconhecer e colocar o estudante em contato com a diversidade cultural existente no ambiente escolar, permite a prática de atividades pedagógicas que envolvam a comunidade, permitindo a descoberta e partilha de conhecimentos elaborados e adquiridos.

1.2.1 - Os bens culturais imateriais

Tão importante quanto os bens materiais, os bens culturais imateriais estão relacionados, dentre outras questões, aos saberes, rituais, habilidades, manifestações artísticas e culturais, práticas e modos de ser das pessoas. Dentre outros, como exemplo de bem cultural imaterial, há a *Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré*, procissão que acontece anualmente, no segundo domingo de outubro, na cidade de Belém/PA. Realizado há mais de dois séculos, o evento tem reunido uma média dois milhões de romeiros.



1- Fig. 1. Romaria do Círio de Nossa Senhora de Nazaré
Fotografia retirada do site <http://www.ihu.unisinos.br>. Autor não informado

Márcia Sant'Anna (2005), estudiosa sobre o assunto, explana que manter a existência desses bens depende diretamente dos indivíduos, grupos ou comunidades que os detém. Assim sendo, transmiti-los de geração a geração torna-se uma exigência.

Para a pesquisadora, isso é necessário, pois são bens em constante processo de transformação, recriados pelas comunidades e grupos em função de seus ambientes, de suas interações com a natureza e de suas histórias, o que gera um sentimento de identidade e contribui para a promoção do respeito, da diversidade cultural e da criatividade humana.

Como exemplo da importância dessa transmissão geração a geração, trago um recorte do documentário *Samba de Roda no Recôncavo Baiano* (2011), que enfatiza o valor dessa manifestação às comunidades presentes na região do recôncavo. Num determinado trecho da obra, uma senhora expressa, comparativamente, a maneira como o samba acontecia antes e a forma como tem acontecido atualmente.

Em sua fala, essa senhora afirma preocupar-se com os rumos que tem tomado a manifestação. Segundo ela, as moças jovens têm demonstrado pouco ou nenhum interesse em manter a tradição do samba de roda do recôncavo baiano, já que os interesses dessas meninas são outros.

Acerca disso, uma segunda senhora, em complemento à fala da anterior, diz que projetos culturais estão sendo desenvolvidos na região do recôncavo, especialmente com crianças, com o objetivo de proteger e propagar a manifestação nos moldes tradicionais.



Dossiê do Samba de Roda - MinC/Iphan

2 - Fig. 2. Samba de Roda do Recôncavo Baiano

Fotografia retirada do site <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br>. Autor não citado

Conforme algumas leituras feitas, os primeiros movimentos pensados para a preservação dos bens imateriais são datados da transição dos anos de 1980 para 1990. Mas somente nos primeiros anos da década de 2000 foi que a UNESCO se organizou e pensou o documento de salvaguarda desses bens.

Sobre o assunto, Sant'Anna afirma o seguinte:

“Salvaguardar bens culturais relativos a modos de fazer, a formas de sociabilidade, religiosidade e outros exige uma abordagem especial. Em termos práticos, isso somente é possível por meio de ações de produção de conhecimento, de documentação, de sensibilização da sociedade, de promoção por meio do mapeamento e inventários culturais, de registros etnográficos e audiovisuais, de divulgação e valorização dos saberes e produtos dessas manifestações.” (SANT'ANNA, 2005, p.7)

Nesse sentido, a escola torna-se um local importante e necessário. Defendo isso por entender que esse espaço de ensino-aprendizagem, ao reconhecer e colocar os estudantes em contato com a diversidade cultural que há em si, garante a propagação e valorização de parte desses tantos bens imateriais existentes no Brasil.

1.3 - Sobre cultura e diversidade cultural

De modo geral, cultura é abordada por alguns autores como o processo no qual as pessoas inseridas em seus contextos sociais apreendem e cultivam o significado de ações e representações oriundas de situações ritualísticas, comportamentais, rotineiras e outras que fazem parte de suas histórias e meios sociais nos quais estão incluídas, construindo assim suas identidades sociais e culturais.

Acerca disso, Stuart Hall (2006) desenvolve argumento com relação a identidades culturais, tratando-as como “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (2006, p. 8).

Social e historicamente, há um bom tempo, cultura e diversidade cultural estão sendo tratadas sob vários aspectos e em diversas áreas do conhecimento. Não é de hoje, por exemplo, que a escola, enquanto espaço que agrega diferentes indivíduos e culturas, tem repensado suas práticas pedagógicas em prol de garantir que as tantas pessoas e identidades culturais, existentes nesse recinto, sejam abordadas adequadamente no cotidiano escolar.

Há muitos exemplos, embora não citados aqui, de práticas que mostram o quão significativo e expressivo isso se torna aos alunos, haja vista que elas, de modo geral, estão garantindo que parcela desses indivíduos se reconheça num ambiente que, por muito tempo, e ainda hoje, em várias situações, se comporta como se o seu corpo discente fosse um bloco único e homogêneo.

Isso reforça o quão necessário se faz práticas e estudos que abarquem a diversidade cultural no ambiente escolar de educação básica quando se objetiva a ressignificação desse local de ensino-aprendizado aos estudantes nele inseridos.

Pensar e discutir o assunto, no entanto, ainda, em alguns contextos, é algo complexo. Há muitas definições de cultura. Em todas elas, porém, em conformidade com os professores José Barros e Juan Brizuela (2017), encontraremos uma vasta e intrigante relação entre valores e práticas, concepções e atitudes, realidades singulares e universais. E é com base nisso que trato, brevemente, o assunto nesta monografia.

Sem a intenção de definir um conceito específico, amparado por Barros e Brizuela (2017), e também em Stuart Hall (2006 e 2013), além de outras leituras que fiz ao longo da minha formação, discorro sobre cultura neste trabalho partindo de dois lugares: de um lado, num sentido mais antropológico, de maneira mais ampla, abordo o tema como o modo de vida total de um povo, de um grupo social e de um indivíduo. Como processo no qual as pessoas dão sentido ao mundo no qual elas estão inseridas.

Nesse sentido, abarco tudo aquilo que é socialmente apreendido e transmitido e que não se realiza apenas pela natureza das coisas do mundo e dos seres humanos. Sobre isso, Brizuela e Barros afirmam o seguinte:

“Se sentir fome é o efeito de uma necessidade do corpo humano, e, portanto, faz parte da nossa natureza, a maneira como identificamos e respondemos a este sinal, pertence ao mundo da cultura. Ao fazer parte da cultura, o sentir fome, produzir alimentos e comer se transformam num universo de símbolos, de técnicas, de produtos e de ritos que formam parte de nosso patrimônio cultural. Um arroz com feijão ou um acarajé, respondem não apenas às nossas necessidades biológicas, mas prioritariamente às nossas necessidades de saber quem somos, e às nossas capacidades de viver juntos e de fazer história.” (BRIZUELA e BARROS. 2017, p. 3)

Numa outra vertente, ainda amparado por esses autores, trago a ideia de cultura partindo da tradição humanista, como um conjunto de atividades específicas, especialmente as artísticas que também contribuem para que os sujeitos se reconheçam e também ao outro, sobretudo quando inseridos em ambientes com identidades culturais plurais.

Partindo desses lugares, em conformidade com Hall (2006 e 2013), Brizuela e Barros (2017), é possível afirmar que a cultura se faz presente em todos os atos e gestos humanos fruto da aprendizagem em sociedade. Por outro lado, ao fornecer formas práticas e simbólicas de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento, a cultura nos permite construir identidades e memórias, mas também, nos desafia ao reconhecimento dos diferentes e seus patrimônios.

Não é possível pensar o ser humano fora da cultura. Sua ausência na vida e no cotidiano de cada indivíduo e dos grupos e sociedades onde se inserem e se relacionam, coloca em risco não apenas repertórios e formas de expressão artística, mas a própria condição humana.

Com base nisso, amparado pela leitura dos autores citados acima e considerando a minha prática pedagógica, entendo que, na sociedade atual, a escola dificilmente terá êxito se não se apropriar dos saberes e culturas tradicionais pertencentes aos seus estudantes. Não é possível e, felizmente, isso tem ficado cada vez mais explícito manter e acreditar numa escola que nega e/ou exclui várias identidades e culturas de suas práticas pedagógicas, por quaisquer motivos que sejam. E, nesse sentido, reforço a importância dessa pesquisa.

2 – Escola Parque 313/314 Sul: práticas pautadas na diversidade cultural

Nesta sessão exploro a relação entre educação versus escolarização para, então, tratar da escola de educação básica que defendo como sendo necessária e significativa ao seu estudante. Feito isso, adentro na Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul, situada na cidade de Brasília, Distrito Federal, como exemplo de lugar e prática pedagógica planejada, executada e avaliada a partir do reconhecimento da diversidade cultural no ambiente escolar, que tem contribuído na construção dessa escola que almejo.

2.1 – Educação versus escolarização: quando a escola nega o quintal

A escolarização, de maneira ampla, constitui-se de acordo com as particularidades vigentes de um período. Sobre isso, Ivor Morrish (1977) defende que seu objetivo, em termos genéricos, é garantir aos estudantes caminhos para o entendimento da sociedade e das estruturas desta. Além de facultar-lhes um modo de criar significado ao que é estudado, a partir do seu ambiente e das suas relações.

Considerando que a sociedade atual tem assistido vários e importantes avanços tecnológicos que estão transformando o acesso ao conhecimento, o que permite outras formas de agir e pensar do ser humano, é possível afirmar que as pessoas estão compreendendo que o ensinar e o aprender não acontecem mais somente no ambiente escolar. Além disso, é fato que muito do que se estuda na escola perde o sentido por não se relacionar adequadamente com o contexto social do discente.

Nesse sentido, Cecília Warschauer (2004) afirma que a escola, para acompanhar as mudanças sociais, precisa de uma nova concepção curricular. O conhecimento que se adquire nela deve ser pensado e utilizado em qualquer ambiente fora dela. E aqui, encontro um elo com o antigo quintal da casa dos meus pais.

O local onde cresci, um território de ensino-aprendizado não formal rico de histórias que dialogam com o nosso patrimônio imaterial e que contribuiu com a construção de algumas das minhas identidades sociais, possui semelhanças, ainda que metafóricas, com a escola de educação básica que acredito e defendo. Uma escola que rompa com o seu espaço físico, dando aos estudantes conhecimentos que se relacionam e tenham sentido com os seus cotidianos e culturas fora desse ambiente de ensino.

Ou seja, o quintal, enquanto ambiente de educação não escolarizada, que me permitiu compreender a minha história a partir das minhas relações de alteridade com o outro, pode ser também o espaço físico da escola, local que acomoda pessoas com diferentes características, identidades, crenças, valores etc. Na prática, porém, isso quase nunca acontece.

Ao longo da pós-graduação, sempre que pensava a diversidade cultural no contexto da educação formal, em escolas de educação básica, vinha à mente uma entrevista¹ que tive acesso há alguns anos e que, ainda hoje, dentre outras situações, utilizo-a como exemplo em algumas conversas sobre a necessidade de se (re) pensar o ambiente escolar e o processo de ensino-aprendizagem nos dias atuais, considerando as diferenças identitárias e culturais que a escola comporta em si.

Nessa entrevista, Tião Rocha, educador mineiro, faz várias críticas ao ensino convencional, distingue educação de escolarização e diz ter um sonho: escolas que sejam tão boas que professores e alunos queiram frequentá-las aos sábados, domingos e feriados. Mas o que seria escolas tão boas? Há exemplos de escolas assim? Que ações, enquanto profissionais de educação, devemos praticar para alcançarmos essa qualidade de escola?

Sem a intenção primeira de encontrar respostas aos questionamentos acima, abarco a entrevista citada, com parte reproduzida abaixo, por entender que ela, de modo geral, vai ao encontro com os meus pensamentos sobre a importância de uma escola que entenda seu público como pessoas com histórias, culturas e identidades diversas, criando um espaço de ensino-aprendizagem que vai além da escolarização em si.

Folha (Uirá Machado) - Toda a sua história como educador é feita do lado de fora das escolas convencionais. Qual é o seu problema com a escola formal?

Tião Rocha - Se eu tivesse um analista, isso seria um prato cheio para ele. Comecei a ter problemas com a escola desde que entrei, aos sete anos. Logo no primeiro dia de aula, no Grupo Escolar Sandoval de Azevedo, Belo Horizonte, a professora Maria Luiz Travassos nos levou para a sala de leitura, pegou um livro, "As Mais Belas Histórias", da dona Lúcia [Monteiro] Casasanta, e começou a ler: "Era uma vez um lugar muito distante, onde havia um rei e uma rainha (...)". Eu levantei a mão e falei: "Professora, eu tenho uma tia que é rainha". Ela desconversou, pediu para eu ficar quieto. Ela prosseguiu a história. Depois que a interrompi duas ou três vezes, ela me mandou calar a boca e ir falar com a diretora, dona Ondina Aparecida Nobre. Ela me deu um tranco, perguntou se eu queria ser expulso. A partir daí, eu sempre inventava coisa para matar a aula. Nunca tive uma escola boa. Nunca tive prazer na escola, mas sempre quis aprender. Quando fui para a

¹ Entrevista cedida pelo educador Tião Rocha ao jornalista Uirá Machado, da Folha de São Paulo, em 26 de novembro de 2007.

faculdade, estudei história e antropologia, fui resgatar a história da minha tia, que era rainha do congado. Para pagar os estudos, eu precisava trabalhar. Fui dar aula e me dei conta de que, se eu achava aquilo chato, meus alunos também, porque eu era um reproduzidor da mesma chatice.

Folha – E você conseguiu mudar?

Rocha - Não. Criava jeitos diferentes de trabalhar com os alunos, inovava, mas, no fim, era uma experiência muito reformista. Ela começou a ser transformadora quando aconteceu o fato com o Álvaro, minha primeira grande perda [o garoto, excelente aluno, se suicidou]. Aí eu falei: "Opa! Não adianta querer que os meninos aprendam história se eu não consigo aprender a história da vida deles". Então comecei a deixar de lado não só a forma mas também o conteúdo. Por exemplo, pedia aos alunos para pesquisarem em casa: sobre cantiga de ninar, expressões populares, jogos etc. Um pai chegou para mim e disse: "Vim te agradecer, porque eu tinha um problema de relacionamento com meu filho, mas agora ele apareceu querendo saber sobre as brincadeiras de quando eu era criança e começamos a conversar, a brincar". Eu nem sabia que aquele negócio estava ajudando a aproximar pais e filhos. Aí eu fui me libertando dos conteúdos cheirando a mofo e comecei a ver que estava partindo para outra coisa. Esse processo foi evoluindo na reflexão sobre o que é deixar de ser professor e virar educador. O professor ensina, o educador aprende. (Folha de São Paulo, 2007)

Na resposta do entrevistado percebe-se como a escola torna-se ineficiente ao negar a história e o cotidiano de seus discentes. Foi preferível à professora punir seu aluno a escutar a história da tia dele. Isso não só impossibilitou um elo entre escola e sociedade como também contribuiu para que aquela perdesse o sentido para o estudante.

E mais, é possível perceber como é importante e necessário (re) conhecer e compreender o outro. O Brasil, culturalmente, é um país plural. Cada região possui tradições, vestimentas, hábitos, manifestações artísticas e religiosas, dentre outras tantas particularidades que nos afirma como país de imensa diversidade cultural. Entender que essas diferenças existem e que a escola as comporta é fundamental na construção de um local de ensino-aprendizado significativo ao estudante².

Na segunda resposta, Rocha, ao dizer que não adiantava ensinar história se ele, enquanto professor, não conseguia conhecer a história de seus alunos, confirma a insignificância da escola quando esta não dialoga com a realidade de quem a frequenta. Mais que um local de transferência de conhecimentos diversos, em que o aluno apenas recebe o que é transmitido pelo professor, uma instituição de ensino deve ser um local de socialização e aprendizado condizente com o que se vive fora dela.

Nesse sentido, criar meios para que os discentes (re) conheçam suas histórias, possivelmente, é um caminho na construção de uma escola prazerosa e necessária a

² Parte dessas reflexões foi debatida na monografia "*Quem sou eu? A identidade do aluno pré-adolescente no contexto escolar*", defendida no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos finais (6º ao 9º anos), da Universidade de Brasília, na Linha de Pesquisa Práticas Identitárias em Sala de Aula, com orientação da Profª. Dra. Juliana Freitas Dias.

todos que fazem parte dela. Considerando a entrevista, ao mudar algumas atitudes e ao (re) pensar a sua prática, Tião Rocha não só se aproximou de seus discentes como conseguiu um diálogo com os pais destes.

Ainda pautado na entrevista, mas considerando algumas das minhas experiências como aluno e como profissional, pensando a diversidade cultural, vejo o ambiente escolar como um espaço que prioriza a escolarização e não a educação como um todo, o que contribui na formação de um aluno moldado pela priorização de um conhecimento erudito, que, na maioria dos casos, nega o conhecimento que o discente carrega com ele, dificultando a formação de um aluno que interaja tranquilamente com as diferenças existentes em seu cotidiano.

2.2 – A percepção do outro: a escola que idealizo

Na ânsia por encontrar lugares que pudessem contribuir com este tópico sobre a escola que idealizo, recordei-me primeiro de duas obras, *Quando a Escola é de Vidro*, de Ruth Rocha, e *A Importância do Ato de Ler*, de Paulo Freire.

Lidas pela primeira vez tempos atrás, essas obras, entre outras, me servem como base e exemplos quando penso e reflito acerca de uma escola de educação básica, a qual idealizo pessoal e profissionalmente, que entenda o seu público como pessoas com histórias e necessidades diferentes, o que implica, dentre outras ações, oferecer a cada discente uma educação que seja, no mínimo, significativa e condizente não apenas com os seus espaços/tempos, mas com as suas identidades sociais e culturais.

A obra de Ruth Rocha, da qual destaco dois trechos abaixo, nos permite pensar e discutir a escola sob vários aspectos, como a seriação, as relações de alteridade, a exclusão e também o modelo tradicional de ensino.

...Eu ia para a escola todos os dias de manhã e quando chegava, logo, logo, eu tinha que me meter no vidro. É, no vidro! Cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não!...

...Então, diante disso seu Hermenegildo pensou um bocadinho, e começou a contar pra todo mundo que em outros lugares tinha umas escolas que não usavam vidro nem nada e que dava bem certo, as crianças gostavam muito mais.

Com a leitura, num primeiro momento, podemos visualizar uma escola centrada no professor, que trabalha em prol de moldar o aluno considerando um único ponto de

vista, uma única verdade. Atitude típica da escola tradicional, que nas palavras de Paulo Freire (1996 e 1997) e Demerval Saviani (1997) funciona num sistema hierárquico, no qual os estudantes, independentemente de suas identidades e histórias de vida, são considerados um bloco único e homogêneo.

Aos autores, esse tipo de escola tem o ensino centrado na figura do professor, que, normalmente, mostra-se autoritário e detentor de conteúdos que são considerados verdades absolutas. Ou seja, aos alunos, além de negada as suas identidades culturais, cabem apenas reter os conhecimentos transmitidos pelo docente.

Dessa forma, amparado nos autores, os discentes seriam preparados unicamente para reproduzir os conhecimentos assimilados durante as avaliações institucionais, haja vista estarem inseridos num contexto que na o exige maiores elaborações pessoais, já que se trata de uma escola que valoriza e prioriza aulas expositivas.

Sobre isso, Freire (1996) alerta para o fato de que ensinar não é apenas passar conhecimento, mas gerar as possibilidades para a sua própria produção. Isso evidencia a importância de se respeitar e garantir as diversidades culturais existentes no ambiente escolar e, também, a autonomia do educando. Além, claro, de se repensar a relação entre o ambiente escolar, o docente e os estudantes.

Retornando aos trechos destacadas da obra de Ruth Rocha, percebe-se, por outro lado, que a transformação do ambiente escolar é possível. E mais, que há outros paradigmas de educação. Modelos que reconhecem e trabalham a partir da diversidade cultural que existe na escola. O que, no caso da leitura em questão, confirma que os estudantes, quando parte desses outros paradigmas, ficam mais felizes.

Somado à leitura de *Quando a Escola é de Vidro*, em *A importância do Ato de Ler*, Freire (1981), partindo principalmente de suas memórias e experiências, nos mostra que podemos, através da leitura, compreender e analisar criticamente o mundo que nos cerca. A leitura a qual Freire se refere vai além da decodificação do que está impresso num livro, numa revista ou noutro objeto semelhante. Trata-se da leitura de mundo que engloba desde as experiências mais simples e, aparentemente, não significativas às diferentes outras leituras (imagética, literária, matemática, científica etc) que fazemos cotidianamente. Ou seja, uma vez que se compreende a diversidade cultural no ambiente escolar, perceber o outro é algo que acontece naturalmente. E é com base nessa percepção, entendendo e respeitando o outro com todas as suas particularidades, mesmo quando elas diferem completamente das minhas, que pauto a escola de educação básica que, pessoal e profissionalmente, idealizo.

Considerando as experiências de mais de trinta anos, quando se soma os tempos de estudante e os atuais de professor, no geral, estive em escolas que agiram como se as pessoas que dela fazem parte vivessem uma única história. Isso sempre me incomodou. Inclusive, por ter presenciado, em diferentes momentos e situações, algumas das minhas identidades serem desconsideradas e/ou negadas, como se não fossem importantes para a minha formação.

Isso, seguramente, colaborou para que em diversas ocasiões eu me visse querendo transformar esse ambiente de ensino, não literalmente, claro, no quintal da casa dos meus pais. Por outro lado, nos últimos dez anos, desde que comecei a lecionar em Escolas Parque, tenho tido a possibilidade de vivenciar a escola de outras formas. No geral, todas elas mais relevantes e significativas aos estudantes. E mais, com práticas pedagógicas pautadas na diversidade cultural e que dialogam com o que os estudantes vivem fora dos muros da escola.

2.2.1 – As Escolas Parque

As Escolas Parque são instituições públicas que fazem parte do sistema de ensino da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Idealizadas pelo educador Anísio Teixeira (1900–1971), são escolas que possuem uma natureza especial, diferenciando-se de outras instituições públicas de ensino formal de educação básica. Além de características próprias, elas possuem espaços físicos adequados a cada uma das disciplinas que nelas são ofertadas.

No Distrito Federal há um total de sete dessas instituições, sendo cinco em Brasília: duas na Asa Norte (303/304 Norte e 210/211 Norte) e três na Asa Sul (308 Sul, 210/211 Sul e 313/314 Sul), uma em Ceilândia (Escola Parque Anísio Teixeira) e uma em Brazlândia (Escola Parque da Natureza). Com professores especialistas em cada área de conhecimento, aos estudantes são ministradas as disciplinas de artes visuais, educação física, música e teatro.

Atualmente as cinco Escolas Parque de Brasília, diferente das duas outras, estão vinculadas ao sistema de ensino integral da Secretaria de Educação. Assim, cada discente matriculado em uma dessas instituições de ensino assiste aulas cinco vezes por semana, sendo atendido por quatro docentes, complementando, com a grade horária que lhe é oferecida, os estudos adquiridos em sua Escola Classe.

2.2.2 - O Local da pesquisa

A escola onde se desenvolveu a pesquisa realizada foi a Escola Parque 313/314 Sul, situada em Brasília/DF, inaugurada em 21 de abril de 1977. Ela possui, atualmente, em seu corpo docente, 40 professores regentes, sendo dez de cada área: visuais, educação física, música e teatro.

Há também os professores que atuam na Sala de Recursos, ambiente destinado ao atendimento de alunos que necessitam de educação especializada; de uma professora de balé, que desenvolve um projeto de dança clássica; da professora que atende no Laboratório de Informática e das professoras que trabalham na biblioteca da escola, onde são desenvolvidos alguns projetos pedagógicos.

Por fim, além de outros profissionais que também objetivam proporcionar ao aluno uma educação de qualidade, há cinco coordenadores pedagógicos, sendo dois de artes, dois de educação física e uma que atua como intermediária entre a Escola Parque e a Escola Classe.

Na escola, além de material didático próprio para cada disciplina, há uma sala ambiente³ para cada professor, o que contribui com a execução das aulas planejadas, sejam elas práticas e/ou teóricas.

O público matriculado na escola, composto por crianças de 6 a 12 anos de idade, estudantes do 1º ao 5º anos do ensino fundamental, são moradores de diferentes Regiões Administrativas do Distrito Federal e de cidades do entorno do DF.

Há, por exemplo, discentes que residem na Cidade Estrutural, no Cruzeiro Novo, no Sudoeste, Vicente Pires, Taguatinga, Ceilândia, Santo Antônio do Descoberto, Águas Lindas de Goiás, Planaltina, São Sebastião, Asas Sul e Norte, Valparaíso e Cidade Ocidental.

Essas meninas e meninos possuem diferentes crenças, hábitos, etnias, histórias etc. Inseridos em distintos tipos de famílias, oriundas de vários estados brasileiros, todas elas tornam a Escola Parque 313/314 Sul um território de grande diversidade cultural. Talvez por isso, e considerando a maneira como o diálogo entre escola e vida cotidiana fora dela acontece, a Festa das Regiões desse ambiente formal de ensino seja um lugar tão importante no processo de ensino-aprendizado dessas crianças.

³ Espaço adequado para a disciplina que ali será ministrada.

2.2.2.1 – Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul

A Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul, em Brasília, é um evento de confraternização de toda a comunidade escolar⁴ e seus convidados. Ela acontece anualmente, ao final do primeiro semestre letivo, em data definida a partir das especificidades do calendário escolar do ano letivo em questão. Trata-se de um encontro de celebração e valorização da diversidade cultural brasileira, planejado e executado, pedagogicamente, ao longo de um semestre, por toda a equipe gestora, coordenadores pedagógicos, o corpo docente, os estudantes e os seus responsáveis.



3 - Fig. 3. Entrada da Festa das Regiões de 2004 da Escola Parque 313/314 Sul. Acervo da Escola. Autor desconhecido.

Não se sabe ao certo o ano da primeira edição da festa. Essa dúvida é causada, principalmente, pelo fato de não ter um registro escrito que comprove isso. Assim, há

⁴ Comunidade escolar neste trabalho refere-se aos estudantes, seus responsáveis, professores, demais servidores da Escola Parque 313/314 Sul e a vizinhança.

muitas opiniões sobre o assunto, oriundas especialmente das pessoas com mais tempo de trabalho na escola.

Embora os registros imagéticos mais antigos sobre a festa, presentes nos arquivos da instituição, sejam datados de 2004, a maioria dos comentários dados diz que foi na transição dos anos de 1990 para os anos 2000 que a escola começou a pensar o evento.

Em conversa com Regina Darc, ex-diretora da instituição, servidora aposentada que trabalhou por mais de 15 anos na referida escola, foi nesse momento que parte do então corpo docente, preocupado com uma educação patrimonial, especialmente no que se referia aos bens imateriais, propôs, como já acontecia em outras instituições de ensino, um evento que pudesse abranger um número maior de manifestações artísticas e culturais brasileiras. Segundo ela, no geral, a escola pensava e materializava apenas a festa junina, que, embora importante, acabava por limitar, geográfica e culturalmente, o contato dos alunos com as culturas e identidades brasileiras, inclusive, as suas próprias. Diante disso, e preocupados com uma formação que não fosse excludente, professores e direção optaram por ampliar a festa junina, transformando-a, conforme o nome dado, numa festa das regiões da Escola Parque 313/314 Sul.

O objetivo principal do evento, além de dar visibilidade de forma positiva à diversidade cultural existente em nosso país, é possibilitar aos discentes dessa escola parque o estudo, o contato e a vivência em/com hábitos, crenças, manifestações artísticas, culinárias e outras particularidades presentes em seus cotidianos, em suas comunidades, em suas histórias e, também, nas histórias dos seus ascendentes.

Além disso, há uma série de objetivos específicos que, juntos, tem contribuído para que todo o processo da Festa das Regiões, do planejamento à avaliação, se transforme num ambiente de ensino-aprendizagem significativo e condizente com a realidade identitária e cotidiana dos alunos e que reconhece e valoriza a diversidade cultural existente na Escola.

Como exemplos desses objetivos, estão o reconhecer e respeitar o outro em todas as suas diferenças, envolver os responsáveis pelos discentes no processo de ensino-aprendizagem, valorizar o trabalho em equipe, (re) conhecer, apreciar e valorizar manifestações artísticas e culturais presentes nas cinco regiões geográficas do Brasil, identificar, preservar e propagar alguns dos patrimônios imateriais brasileiros e desconstruir a ideia de que só se ensina e só se aprende em sala de aula.

Pedagogicamente, a Festa das Regiões, nas quatro disciplinas ministradas na Escola Parque 313/314 Sul gira em torno dos diferentes povos e culturas tradicionais presentes nas Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste brasileiras. O planejamento das atividades é pensado considerando os saberes, os hábitos, as manifestações artísticas e culturais, as manifestações religiosas, a culinária, as vestimentas, as brincadeiras, as fábulas, as mitologias e histórias, dentre outros fatores, pertencentes a esses povos e culturas.

Metodologicamente, no período de quatro, cinco meses que compreende o planejamento, a execução e a festa em si, o processo de ensino-aprendizagem acontece por meio de pesquisas, estudos, rodas de conversas, palestras, atividades práticas de artes e educação física, contação de histórias, brincadeiras, apreciações de manifestações culturais e artísticas, produção de trabalhos artísticos visuais e cênicos, apreciação de diferentes culinárias etc.

O resultado disso, de modo geral, em todas as festas acontecidas até então, tem sido a culminância, no dia do evento, de um número significativo de apresentações cênicas de teatro e dança, apresentações videográficas, exposições de trabalhos visuais, atividades esportivas, brincadeiras e outras ações que somadas às bebidas e à extensa variedade de alimentos doces e salgados presentes nas culinárias brasileiras e de países vizinhos ilustram um pouco da enorme diversidade e patrimônio cultural existentes em nosso país.

Nesse sentido, as fotografias que seguem, de diferentes anos, ilustram um pouco disso. São imagens de resultados cênicos e visuais vivenciados em processos diversos nas disciplinas que compõem a grade curricular da Escola Parque 313/314 Sul. Atividades essas, produzidas e apresentadas por professores e alunos, pais e responsáveis pelas crianças, convidados e outras pessoas que têm garantido um evento que seja de todos e que ultrapassa o cumprir uma atividade do calendário escolar apenas.

É passível, numa leitura mais detalhada, perceber nas imagens em questão a visibilidade, o reconhecimento e o respeito dado pela Escola Parque 313/314 Sul à parte da diversidade e do patrimônio cultural existente nas cinco regiões geográficas brasileiras.



4 - Figs. 4-5. Resultados coreográficos produzidos a partir de manifestações artísticas tradicionais das Regiões Nordeste e Centro-Oeste. Ano: 2005. Acervo da Escola. Autor desconhecido.

A próxima imagem, também resultado coreográfico cênico, ilustra um trabalho construído a partir de pesquisas feitas sobre as manifestações artísticas e culturais presentes na Região Norte.



5 - Fig. 6. Resultado coreográfico produzido a partir de manifestações artísticas tradicionais da Região Norte. Ano: 2005. Acervo da Escola. Autor desconhecido.



6 - Fig. 7. Bandeiras de cada estado brasileiro, produzidas coletivamente, após estudos sobre algumas das culturas presentes nesses lugares. Ano: 2007. Acervo da Escola. Autor desconhecido



7 - Figs. 8-10. Atividades produzidas em aulas de literatura a partir de lendas e mitologias presentes nas cinco regiões geográficas brasileiras. Ano: 2008. Arquivo da Escola. Autor desconhecido



8 - Fig. 11. Atividade de artes visuais produzida por alunos de 2º ano do ensino fundamental a partir da escuta, apreciação e vivência com o Bumba Meu Boi e o Boi do Seu Teodoro. Ano: 2009. Arquivo da Escola. Autor desconhecido



9 - Fig. 12. Estudantes momentos antes da apresentação coreográfica de Frevo. Trabalho realizado pelos professores Edith, Kaise Helena e Hugo de Freitas, de educação física, música e teatro, respectivamente. Ano: 2016. Acervo da Escola. Autor: Hugo de Freitas



10 - Fig. 13. Trabalhos visuais produzidos por crianças de 1º ao 5º anos, numa parceria entre os professores Hugo de Freitas e Adriana Tupinambá (teatro e artes visuais), a partir do estudo da obra de Rodrigues Lessa. Ano: 2016. Acervo da Escola. Autor: Hugo de Freitas

Por fim, ao término da Festa das Regiões, em data agendada, normalmente, no início do segundo semestre letivo, é realizada uma avaliação do evento. Para tanto, além da equipe gestora, dos coordenadores e professores, são convidados os estudantes e seus responsáveis. Os objetivos, nesse momento, de modo geral são elencar os pontos positivos e negativos de todo o processo e buscar alternativas aos problemas elencados. E a partir disso, direcionar as práticas pedagógicas da Escola Parque 313/314 Sul rumo à construção, cada vez mais, de uma escola de educação básica, que seja realmente necessária ao seu estudante.

3 – Dois bois e muitas histórias: sobre a diversidade cultural no ambiente escolar

Este capítulo dá início à reflexão que faço sobre a Festa das Regiões intitulada *Escola Parque 313/314 Sul e os Encantos do Norte Nordeste*, realizada em 07 de julho do ano letivo de 2017, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Nele, além da reflexão em si, construída a partir das observações, registros e análises que fiz da festa em questão, faço uma descrição simplificada do planejamento, execução e avaliação do evento que serviu como lócus da pesquisa, pontuando o que foi significativo a respeito do meu objeto de estudo: diversidade e patrimônio cultural no ambiente escolar.

Com isso, consigo dados que ilustram e afirmam que a Festa das Regiões dessa instituição de ensino, dentre outros motivos, ao dar visibilidade de forma positiva e expressiva à diversidade e ao patrimônio cultural existente no ambiente escolar, contribui na construção de um território de ensino-aprendizagem que vai além do ser um local festivo e prazeroso aos professores e alunos. Torna-se um lugar que dialoga, escolar e socialmente, com as histórias e identidades culturais pertencentes aos estudantes da Escola Parque 313/314 Sul, da cidade de Brasília, Distrito Federal.

3.1 – Metodologia

A pesquisa que apresento aqui é qualitativa, eu diria de cunho etnográfico, embasada, especialmente, no livro *Etnografia da Prática Escolar* (2007), de Marli André. Nele a autora defende que essa pesquisa caracteriza-se como tal por utilizar “técnicas tradicionalmente associadas à etnografia, como a observação participante, a entrevista e a análise de documentos”. (ANDRÉ, 2007, p. 28)

Sobre essas três técnicas, André afirma que

a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. (*Idem*)

Neste trabalho, como observação participante, me utilizo das minhas anotações pessoais sobre a Festa das Regiões de 2017, da Escola Parque 313/314 Sul, feitas de

fevereiro a agosto do ano em questão. Na ocasião, ainda não estava cursando a pós-graduação em *Educação e Patrimônio Cultural e Artístico*. Mas acompanhei diretamente, interagindo todas as vezes que foram necessárias, o trabalho desenvolvido pelos professores e estudantes dessa instituição de ensino.

Quanto às entrevistas, considerando o tempo e a disponibilidade dos colegas em concedê-las, fiz duas rodas de conversas com alguns profissionais da escola, inclusive uma ex-diretora, pessoa que foi a responsável pelo o evento aqui analisado por quase uma década. Como não me utilizei de documentos oficiais para registrá-las aqui, me utilizo das informações colhidas de forma mais informal.

Por fim, me utilizei dos registros imagéticos sobre a Festa das Regiões e das poucas informações textuais impressas nessas imagens. Esses registros, alguns sem a identificação dos autores, pertencem aos arquivos da própria escola. A minha escolha por esse documento, apenas, se deu por não ter na escola, embora todos lá reconheçam a importância pedagógica do evento na formação escolar dos estudantes, nenhum registro escrito que discorra sobre a Festa das Regiões.

Ainda sobre essa metodologia de pesquisa, André (2007, p. 28-29), pontua algumas características, que segundo ele, dão a ela a qualidade de etnográfica. Abaixo registro algumas que dialogam com este trabalho:

- ✓ princípio da interação constante entre pesquisador e objeto pesquisado;
- ✓ pesquisador como instrumento principal na coleta e análise de dados;
- ✓ ênfase no processo e não nos resultados finais;
- ✓ preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca.

Outro aspecto desse tipo de pesquisa, que, também, vai ao encontro do trabalho realizado, é que ela não tem o interesse de testar ou provar algo, e sim descobrir “novos conceitos, novas relações e novas formas de entendimento da realidade”. (Idem, p. 31)

3.2 – Dois bois: o ponto de partida para a Festa das Regiões de 2017

Escola Parque 313/314 Sul e os Encantos do Norte Nordeste, por escolha do corpo docente, homenageou os bois *Garantido* e *Caprichoso*, que são pertencentes ao *Festival Folclórico de Parintins*, no Amazonas. É daí, aliás, que me veio a inspiração para o título deste capítulo. Isso, pois, os bois em questão foram o pontapé inicial para que estudantes e professores pudessem pesquisar, escutar e verbalizar uma série de

histórias sobre algumas das várias culturas e manifestações artísticas presentes em diferentes estados brasileiros.

Várias dessas histórias, inclusive, foram contadas por pais, responsáveis e outras pessoas que possuem vínculos familiares e/ou comunitários com esses discentes. Sobre isso, a Festa das Regiões de 2017 proporcionou encontros diversos entre as pessoas que fazem parte da comunidade escolar. O objetivo era que pudessemos trocar conhecimentos, informações, histórias e saberes diverso sobre nossos bens culturais imateriais.

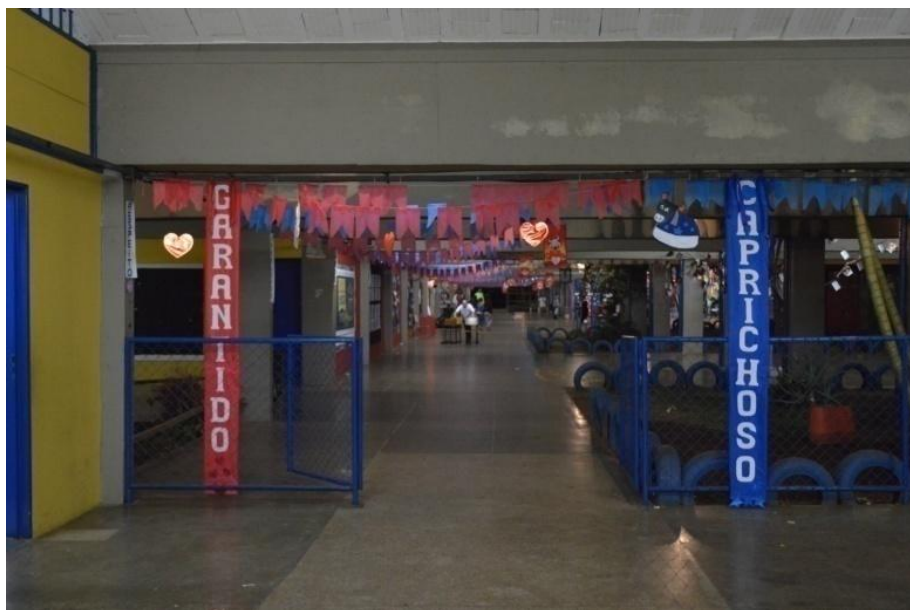
O resultado disso foi uma escola com pais e responsáveis presentes também na construção das práticas pedagógicas que foram desenvolvidas durante o semestre letivo que antecedeu a festa. Aliás, eles foram os responsáveis por algumas das apresentações que tivemos durante esse período para que os alunos pudessem apreciar um pouco das nossas manifestações artísticas e culturais. Como exemplos disso, tivemos na escola rodas de capoeira, cirandas, contações de histórias indígenas e africanas, jongo e tambor de crioula.

Como de costume, todo início de ano letivo, ainda na semana de reunião pedagógica⁵ da Escola Parque 313/314 Sul, decide-se a data da Festa das Regiões e o que e/ou quem ela irá homenagear. A ideia, embora a festa abarque todas as regiões geográficas brasileiras, é que algo ou alguém tenha um foco maior, o que contribui, inclusive, na construção das práticas pedagógicas que serão ministradas. Para tanto, muitas questões são levadas em consideração.

Nesse caso específico, além do fato de que a escola receberia naquele ano um número significativo de estudantes nascidos na Região Norte, isso comparado com anos anteriores, foi percebido, num rápido levantamento, pelo grupo de professores, que o boi, por motivos distintos, é um animal presente em manifestações culturais brasileiras de diferentes lugares.

Além disso, eleger o *Festival Folclórico de Parintins* como o homenageado do ano, foi uma proposta de aproximação da Escola Parque 313/314 Sul com alguns povos e culturas indígenas presentes na região amazônica. E, com isso, garantir ao estudante uma educação estética mais abrangente.

⁵ Primeira semana do ano letivo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Momento em que, coletivamente, são decididas e planejadas as atividades pedagógicas que acontecerão ao longo do ano. E, individualmente, a partir dessas atividades, materializados os planejamentos de curso de cada docente.



11 - Figs. 14-15. Entrada para a Festa das Regiões 2017 e Espaço para Fotografias: Homenagem aos Bois Garantido e Caprichoso. Acervo da Escola. Fotografias: Felipe Passos

Com a escolha da data do evento e decidido, em relação às pesquisas e estudos, que o *Festival Folclórico de Parintins* seria o local de partida para o trabalho pedagógico de todos os docentes. Teve início o planejamento da edição 2017 da Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul.

Foi nesse momento, na condição de coordenador de artes dessa escola, que me questionei se o evento como um todo, o que inclui o pensar, o executar e o avaliar, seria mais que uma atividade para cumprir o calendário escolar.

Ter acesso ao trabalho de todos os professores e não apenas ao meu, me possibilitou confirmar o que já imaginava: a Festa das Regiões como um território

significativo e condizente, com o que se vive fora da escola, ao processo de ensino-aprendizagem dos estudantes e professores.

3.3 – Planejar, executar e avaliar a Festa das Regiões: outro olhar ao processo de ensino-aprendizagem

A festa *Escola Parque 313/314 Sul e os Encantos do Norte Nordeste* foi resultado de quase cinco meses de trabalho da parceria, especialmente, entre professores e alunos, mas também de familiares desses estudantes e coordenadores pedagógicos. Esse período compreendeu o planejamento e a execução de todas as atividades projetadas.

Todo esse processo mais a avaliação, que aconteceu um mês e pouco depois do evento, proporcionaram a minha pessoa, outro olhar ao processo de ensino-aprendizagem dessa instituição de ensino.

Estar fora de sala de aula, na função de coordenador de artes, me deu a certeza de que uma escola ao pensar as suas práticas considerando de forma positiva a diversidade cultural no ambiente escolar tende a ser um lugar mais prazeroso, divertido e expressivo ao estudante.

3.3.1 – O planejamento: tudo se pauta na diversidade cultural no ambiente escolar

O cuidado com o planejamento pedagógico da Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 foi acontecendo ao longo dos anos. Como dito anteriormente, a festa surgiu também da necessidade de se pensar algo que pudesse acolher um número maior de manifestações artísticas e culturais brasileiras. Desse modo, o evento, em cada edição, teve o seu espaço-tempo de execução dilatado. Atualmente o planejamento é pensado para ser realizado durante todo o primeiro semestre letivo.

Com relação à edição de 2017, esse planejamento foi pensado, discutido e elaborado por uma equipe de 40 professores regentes, conduzidos pelo autor desta monografia e mais três coordenadores, de artes e educação física, sob a orientação da equipe gestora. De modo geral, nessa etapa do processo de construção da festa, o pensamento do grupo foi direcionado para a discussão e elaboração de práticas pedagógicas que pudessem oferecer aos estudantes um período letivo prazeroso, divertido, inteligente e significativo no processo de ensino-aprendizagem em artes e

educação física. E mais, que essas práticas e período fossem condizentes com o que essas crianças viviam fora dos muros da escola.

Por conta disso, dentre outras, tivemos como meta pensar as aulas a partir das diferentes realidades sociais e diversidade cultural dos estudantes. Isso contribuiu para que o grupo de professores, em sua maioria, optasse por realizar um diagnóstico prévio de suas turmas.

Embora parte dos alunos matriculados na Escola Parque em 2017 fosse a mesma de anos anteriores, o diagnóstico, depois de realizado, foi fundamental para que conseguíssemos ter uma visão mais ampla do nosso público e, consequentemente, a obtenção de melhores resultados nas atividades planejadas.

Como exemplo de informações que foram apuradas e que nos serviram como lugares de construção para as práticas docentes, especialmente, no que tange ao reconhecimento e valorização da diversidade cultural no ambiente escolar, soubemos onde e com quem os nossos estudantes moravam; se tinham ou não alguma religião; quais eram essas religiões; o que costumavam ouvir, vestir, comer e fazer fora da escola; do que brincavam; se sabiam algo das histórias de suas famílias; como se identificavam etnicamente; se participavam de alguma manifestação cultural; como chegavam à escola etc.

O diagnóstico prévio possibilitou, na etapa de execução, que as atividades pedagógicas anteriormente planejadas pelos professores de artes visuais, educação física, música e teatro pudessem ser repensadas a partir de toda a diversidade cultural identificada na Escola Parque.

A etapa do planejamento, de modo geral, foi importante não apenas numa melhor compreensão do que significa a Festa das Regiões à Escola Parque 313/314 Sul: ela foi um momento de reconhecimento da escola como um lugar com pessoas heterogêneas. Com culturas, histórias, identidades e necessidades diferentes umas das outras.

3.3.2 – A execução: quando práticas pedagógicas distintas se encontram

Das etapas que existiram na construção da festa *Escola Parque 313/314 Sul e os Encantos do Norte Nordeste* a mais significativa a este trabalho de conclusão de curso foi a *Execução*. Foi nela que as várias práticas pedagógicas, pensadas a partir da diversidade cultural no ambiente escolar, se desenvolveram, resultando na culminância

de algumas apresentações cênicas e videográficas, exposições de trabalhos visuais, atividades esportivas, culinárias, brincadeiras e outras atividades que foram apresentadas no dia da festa. A maioria dos registros que fiz durante essa etapa, aliás, é que dá suporte à reflexão que faço sobre a diversidade cultural no ambiente escolar.

Nos quatro meses e meio que antecederam a Festa das Regiões de 2017, foram realizadas atividades de pesquisas e estudos sobre culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras, manifestações culturais presentes nas regiões Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sul e Sudeste brasileiras, rodas de conversas sobre assuntos diversos e palestras com mestres de capoeira e brincantes do boi do seu Teodoro.

Também foram ministradas atividades práticas de artes e educação física, cirandas, contações de histórias e brincadeiras diversas. Além das apreciações de manifestações culturais e artísticas que os estudantes tiveram dentro e fora da escola, da elaboração e produção de trabalhos artísticos visuais e cênicos e da apreciação de diferentes culinárias das cinco regiões geográficas brasileiras, como, por exemplo, o baião de dois, o arroz com cuxá, arroz carreteiro, feijoada, galinhada, cuscuz paulista etc.

Dessas atividades, destaco três que considero importantes para este trabalho. São elas: o estudo e apreciação das manifestações artísticas, as rodas de conversas e a elaboração e ensaios das apresentações.

3.3.2.1 - O estudo e apreciação das manifestações artísticas

Essa atividade, orientada pelos professores de todas as disciplinas permitiu que alunos e docentes se colocassem em contato com diferentes manifestações artísticas e culturais brasileiras.

Os estudantes fizeram, com a ajuda de seus responsáveis, pesquisas virtuais, videográficas, imagéticas, literárias e outras acerca das manifestações escolhidas por eles a partir de uma relação apresentada por seus professores.

Num momento seguinte, esses estudantes puderam apreciar algumas dessas manifestações em apresentações realizadas especialmente para eles, no espaço interno da escola. Além disso, também apreciaram diferentes manifestações artísticas e culturais brasileiras por meio de vídeos, exposições e contações de histórias.

Considerando as falas dos próprios alunos e de alguns docentes, essa atividade pedagógica contribuiu para que todos pudessem (re) conhecer parte de suas próprias

histórias, além de fortalecer o vínculo entre estudantes e seus familiares e estudantes e suas comunidades.

Sobre isso, várias foram as vezes em que pais e responsáveis chegavam à escola felizes por saberem que suas crianças estavam tendo acesso aos conteúdos de artes e educação física a partir de suas raízes identitárias. Eles se diziam agradecidos por saber que a escola não ignorava suas identidades, suas comunidades, suas crenças etc.

3.3.2.2 – As rodas de conversas: momento de reconhecimento do outro

Durante toda a etapa de execução da Festa das Regiões, em sala de aula ou em outros ambientes da escola, utilizados para atividades coletivas entre dois ou mais docentes, foram proporcionadas as rodas de conversa.

Elas funcionaram como local de ensino-aprendizagem, tendo garantido, dentre outras ações, as avaliações diárias sobre o processo de construção da festa. Nessas ocasiões, os alunos e professores se posicionaram verbalmente sobre assuntos que iam de uma atividade realizada à culinária, por exemplo.

Sobre as rodas de conversa, Warschauer (2004) diz que elas contribuem na socialização e no aprendizado, já que representam um momento de troca de conhecimentos e de tomada de decisões, entre outras funções.

A pesquisadora afirma que a roda de conversa não é algo exclusivo da escola e, tampouco, inventado na sociedade atual, mas que tem contribuído, em diferentes contextos, para que o processo de ensino-aprendizado no ambiente escolar tenha sentido ao discente.

Para ela, as rodas constituem um caminho para o aprendizado da convivência, um momento de se colocar e também de observar e escutar o outro. Ou seja, uma maneira de perceber o diferente e (re) conhecer as próprias identidades.

Somado a isso, Warschauer (2004) afirma que as rodas propiciam a construção de conhecimento de forma integrada e com sentido para os alunos, que, inclusive, passam a se ver como sujeitos do conhecimento e produtores dele.

Outro ponto positivo destacado pela autora e que condiz como que foi observado durante a etapa de execução da Festa das Regiões de 2017 é que as rodas favorecem as manifestações das diferenças e singularidades. Isso acontece, especialmente, pela quebra que as rodas causam na homogeneização e padronização que as escolas de

educação formal dão aos seus alunos e pelas rupturas com os currículos, tempos, estruturas e disposições de móveis nos espaços físicos impostos aos educandos.

O simples fato de não colocar os estudantes enfileirados, colabora para que a hierarquização existente no ambiente escolar, inclusive entre os estudantes, seja desconstruída.

As rodas de conversa representaram ainda um local de desabafo, de sugestões e de questionamentos por parte dos estudantes. Nelas, era discutido tudo o que era posto ao grupo, fosse pelos discentes ou pelos professores.

3.3.2.3 – A elaboração e ensaio das apresentações

Um dos momentos mais esperados pelos discentes foi a escolha, elaboração e ensaio das apresentações cênicas e musicais que fizeram parte da festa. Depois de cumpridas as pesquisas, os estudos e as apreciações de diferentes manifestações artísticas e culturais, professores e estudantes partiram para a criação das suas próprias versões e/ou reproduções dessas manifestações.

Esta etapa do processo permitiu o contato e a vivência dos discentes, artisticamente, com diferentes bens imateriais. O resultado desse processo se deu no dia 07 de julho de 2017, durante a festa em si, sendo essas apresentações apreciadas por um público de quase duas mil pessoas.

As fotografias abaixo ilustram um pouco desses resultados.



12 - Fig. 16. Público à espera da apresentação dos bois Garantido e Caprichoso, preparada por todos os professores da escola, com alunos de 3º, 4º e 5º anos. Ano: 2017. Acervo da Escola. Autor: Felipe Passos.



13 - Figs. 17-20. Apresentação cênica produzida por todos os professores da escola, com alunos de 3º, 4º e 5º anos. Todo o material cênico, inclusive os bois, foi construído em salas de aula. Em diversos momentos os pais e outros responsáveis pelos estudantes participaram desse processo. Ano: 2017. Acervo da Escola. Autor: Felipe Passos.



14 - Figs. 21-22. Apresentação de capoeira organizada pelos professores de educação física Kárita e Nagi, com alunos de 1º e 2º anos: Ano: 2017. Acervo da Escola. Autor: Felipe Passos



15 - Fig. 23. Apresentação coreográfica construída com a orientação da professora de teatro Ruth Batista, a partir dos estudos sobre o Carimbó. Ano: 2017. Acervo da Escola. Autor: Felipe Passos



16 - Figs. 24 - 25. Apresentação cênico-musical criada a partir da escuta de histórias e da apreciação de vídeos, fotografias e documentários sobre os Candangos. Elaborada pelos professores Aline Seabra, Ana Maria, Hugo de Freitas, Kaise Helena, Márcia Marmori e Ricardo Rubio, de música e teatro, foi apresentada por alunos de 1º e 2º anos. Ano: 2017. Acervo da Escola. Autor: Hugo de Freitas

3.4 - Avaliação: momento para repensar a festa

A terceira e última etapa do processo pedagógico em torno da Festa das Regiões de 2017 foi a *Avaliação*, que aconteceu num encontro entre professores, coordenadores pedagógicos, equipe gestora, estudantes e seus responsáveis.

Nesse encontro, aqueles que se sentiram confortáveis para tal colocaram questões que julgaram, individual e/ou coletivamente, pertinentes de serem discutidas.

O objetivo foi elencar os pontos positivos e negativos com relação a todo o processo da festa: desde o planejamento ao evento em si, para que pudessem ser pensadas novas e eficazes ações na construção de um ambiente de ensino que reconheça e atenda toda a diversidade cultural presente no ambiente escolar.

O que ficou evidenciado nesta etapa é que todas as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes da Escola Parque 313/314 Sul estão cientes do quão importante e significativo a Festa das Regiões é quando se pensa uma escola que pauta as suas práticas pedagógicas no reconhecimento, valorização e preservação da diversidade cultural brasileira.

3.5 – O meu olhar: breve reflexão sobre a Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul

A reflexão que faço neste tópico é embasada neste trabalho e também nas minhas experiências como professor e, também, como coordenador de artes no contexto da Festa das Regiões.

Diante tudo o que descrevi aqui, percebo a Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul como um lugar que tem possibilitado, a partir do reconhecimento, visibilidade, promoção e proteção da diversidade cultural brasileira e, mais especificadamente, da própria diversidade cultural, um processo de ensino-aprendizagem necessário e importante aos alunos matriculados nessa instituição pública de ensino.

De modo geral, as aulas são pensadas em torno do sujeito, para o sujeito e sobre o sujeito, o que tem feito enorme diferença na forma como os estudantes tem se percebido no ambiente escolar. Dentre outros ganhos, posso garantir que a Festa das Regiões tem ampliado o ambiente de socialização dos discentes, proporcionando, inclusive, encontros com familiares e outras pessoas no processo de suas formações.

Além disso, esses indivíduos estão se posicionando mais. Suas falas estão sendo escutadas e valorizadas no processo de ensino-aprendizagem. E isso, de modo geral, tem contribuído para que eles possam ler os lugares e as pessoas a partir de diferentes pontos de vista. E essas leituras tem garantido que as relações de alteridade sejam ancoradas no respeito as diferenças.

Assim sendo, a Festa das Regiões só afirma que é possível pensar e construir uma escola que seja condizente com o que se almeja para estudantes da educação básica. Uma escola que, sobretudo, dialoga com a sociedade da qual eles façam parte.

Considerações Finais

Ao iniciar este trabalho afirmei que seu objetivo era atestar a Festa das Regiões da Escola Parque 313/314 Sul como um espaço que, antes, durante e após a sua realização, garante aos discentes e docentes estudos, apreciações, experiências e reflexões com e/ou sobre algumas culturas, saberes tradicionais e manifestações artísticas e culturais existentes nas cinco regiões geográficas brasileiras.

Relatei ainda, considerando os questionamentos que fiz, que pretendia apontar caminhos para que pudessem contribuir, ainda mais, para a construção de uma escola de educação básica que pautasse suas práticas no reconhecimento das diferenças culturais que existem em si.

Partindo dessas afirmações, finalizo este trabalho ciente de que muito ainda precisa ser pesquisado. Entender a diversidade cultural, considerando a educação patrimonial, requer estudos em diversas e distintas áreas do conhecimento, o que não seria possível, neste momento, nesta monografia. Todavia, tenho ciência de que o resultado aqui apresentado contribuirá, social e academicamente, aos que tiverem interesse no assunto investigado.

É fato que a Escola Parque 313/314 Sul ainda tem de trabalhar muito para que se transforme, em sua totalidade, num ambiente de ensino-aprendizagem que seja condizente com o que idealizo pessoal e profissionalmente aos estudantes da educação básica. Mas não se pode negar que a Festa das Regiões promovida por ela, principalmente quando se pensa todo o processo – planejamento, execução e avaliação, tem sido um território significativo na construção dessa escola idealizada por mim.

Pensar a escola como se seu público fosse um bloco único e homogêneo é ignorar qualquer possibilidade desse lugar se tornar necessário ao estudante. Considerando minhas experiências e a pesquisa aqui desenvolvida, defendo que a escola de educação básica, de modo geral, precisa rever seus conceitos e repensar o formato e a execução de seus currículos.

Reconhecer e valorizar a diversidade cultural presente em si é um passo fundamental nesse processo. E, nesse sentido, projetos como o que descrevi aqui são apropriados e necessários, pois permitem que os alunos se mostrem como realmente são. Esses projetos contribuem para as relações de alteridade acontecerem no âmbito do reconhecimento e respeito da diversidade cultural.

Por fim, quanto ao trabalho realizado, sou feliz por saber que um festa escolar esteja proporcionando tantas e diferentes atividades pedagógicas que estão contribuindo para que o processo de ensino-aprendizado das crianças matriculadas na Escola Parque 313/314 Sul seja prazeroso e significativo a elas.

Isso me faz crer que outros projetos necessitam ser realizados. Outros alunos precisam ser contemplados com práticas pedagógicas que se pautem na diversidade cultural. O estudante da educação básica precisa enxergar o ambiente escolar de forma tão expressiva quanto qualquer outro espaço de educação, seja ele formal ou informal, do qual ele faça parte em sua vida cotidiana.

Construir uma escola que seja condizente com o que os estudantes vivem fora dela exige que saibamos quem são os nossos alunos. Só assim teremos condições reais de contribuir com o processo de formação deles.

Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARROS, José Márcio; BRIZUELA, Juan Ignacio. *Cultura e Diversidade Cultural*. In Apostila capítulo 1 da disciplina Diversidade Cultural, Desenvolvimento, Reconhecimento, Proteção e Promoção. Pós-Graduação em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. UnB. Brasília/DF, 2018.
- _____. *Políticas culturais Para a Diversidade Cultural*. . In Apostila capítulo 2 da disciplina Diversidade Cultural, Desenvolvimento, Reconhecimento, Proteção e Promoção. Pós-Graduação em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. UnB. Brasília/DF, 2018.
- BRASIL. *Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Diário da República Federativa do Brasil. Brasília. 1996.
- _____. Constituição Federal da República Federativa do Brasil. *Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988*. Brasília, Senado Federal, 1988.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte*. Brasília, MEC, 1998;
- BRASÍLIA, Escola Parque 313/314 Sul. *Projeto Político Pedagógico*. 2018.
- CAMPELLO, Sheila M. C. R.; KOKAY, M. J.; LEMOS, Ana Maria P. *Escolas Parque de Brasília: Patrimônio Vivo*. Revista Eape. Revista de Estudos Sobre Educação Pública. Brasília, v. 1, nº 1. Ago. 2013. p. 43-58
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981.
- _____. *Educação bancária e educação libertadora*. In: Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.
- _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Organizadora: Liv Rebecca Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- HORTA, Maria de Lourdes Pereira. et al. *Guia Básico de Educação Patrimonial Histórico e Artístico Nacional*. Museu Imperial, 1999.

_____. *Fundamentos da educação patrimonial*. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras: educação e patrimônio histórico-cultural. Porto Alegre, Fapa, nº 27, jan/jun. 2000.

LOPEZ, Immaculada. *Memória Social uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local*. 1ª ed. São Paulo: Museu da Pessoa: SENAC. São Paulo, 2008.

MORRSH, Ivor. *Sociologia da educação; uma introdução*. Rio de Janeiro: Hahar, 1977.

RIBEIRO, Ricardo Cruccioli. *Quem sou eu? A identidade do aluno pré-adolescente no contexto escolar*. Orientadora Profª. Dra. Juliana Freitas Dias. UnB, Brasília/DF, 2015.

ROCHA, Ruth. *Quando a escola é de vidro*. In: Este Admirável Mundo Louco. São Paulo: Salamandra, 2003.

SABALLA, Viviane Adriana. *Educação Patrimonial: Lugares de Memória*. In Revista MOUSEION – Volume 1 (Julho/2007)

SANT'ANNA, Márcia. *Políticas públicas e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. In Políticas e salvaguarda para as culturas populares. Organização: Andréa Falcão. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. 90p. Encontros e Estudos.

SAVIANE, Dermeval. *A Nova Lei de Educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados. 1997

UNESCO. *Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Brasília. UNESCO, 2003.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas e Narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação*. In: Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna. Organização: Beatriz Scoz et al. Petrópolis: Vozes, p. 13 – 23, 2004.

Documentários

Samba de roda do recôncavo baiano. Brasil, 2011. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FEjtt-felmg>. (visualizado em 19/8/2015).

Entrevista

MACHADO, Uirá. *Entrevista cedida pelo educador Tião Rocha*. Folha de São Paulo. 26 de novembro de 2007.